

## “UM PLANETA ISOLADO”

*Tente imaginar o que seria a sua vida sem telemóveis, internet, CD e DVD, computadores pessoais. Não consegue? Porém, basta recuar 25 anos ...*

«Quando dizemos que qualquer *gadget* de trazer no bolso tem hoje maior potência e capacidade do que os computadores de 1981, não estamos a revelar nenhuma novidade, mas convém recordá-lo: a verdade é que, há apenas 25 anos, o mundo parecia um deserto tecnológico. Era assim, pelo menos, para os consumidores, que permaneciam ignorantes das tentações que estavam prestes a chegar. Essas inovações iriam crescer até se transformarem numa indústria que movimenta somas astronómicas. (...)

### • **Filmes, só no cinema; TV sim, mas sem "noitadas"**

A verdade é que as possibilidades de utilizar as TIC no trabalho ou nos momentos de lazer eram bastante limitadas. Até à década de 1980, não havia muitas alternativas para ver filmes fora das salas de cinema; depois, com a concorrência televisiva (o aparecimento das televisões privadas, em 1992) e a proliferação dos videoclubes, instalou-se um certo divórcio entre o público e os cinemas. Os números falam por si: de um total de 32.609 espectadores em 1979, passou-se para 19.488 em 2002 (segundo dados do INE).

A alternativa do vídeo tomou-se cada vez mais popular, com uma acesa disputa entre três formatos (o V2000, lançado em 1972 pela Philips; o Betamax, criado em 1975 pela Sony; e o VHS, introduzido no mercado pela JVC no ano seguinte), embora fosse ainda mais utilizado para gravar programas de TV do que como suporte para ver filmes em casa. Não é que houvesse grande coisa para gravar: a oferta televisiva limitava-se ao canal público, a RTP, cujo horário era bastante reduzido: basta recordar que foi ó em 1970 que os telespectadores tiveram direito a uma emissão à hora do almoço, que começava às 12:45 e terminava às 15:00. Finalmente, o televisor deixava de estar ligado apenas à noite, a qual também terminava cedo, e os canais privados só viriam a surgir mais de 20 anos depois.

### • **Discos de vinil e cassetes constituíam a oferta musical**

No campo da música, havia dois formatos à escolha: o disco de vinil e a fita magnética, que podia ser comprada virgem e gravada com as preferências musicais de cada um. O tempo que o processo demorava talvez fosse um pouco excessivo (a música era gravada à velocidade de reprodução), mas ninguém se queixava: ao contrário ao LP, inseparável do gira-discos, a cassette podia ser ouvida na rua, graças ao "rádio-cassete" portátil, ou mesmo no carro.

Uma novidade veio animar um pouco o panorama: chamava-se Walkman e consistia num leitor de cassetes sem altifalantes. Os utilizadores ouviam música de forma pessoal graças aos diminutos (para a época, claro) auriculares; no início da década de 1980, tornou-se o principal objecto de desejo, sobretudo entre os consumidores mais jovens. Os jovens estavam também a protagonizar uma nova forma de passar o tempo, em consequência das preocupações pedagógicas de um cientista chamado William A.

Higinbotham, que o tinham conduzido à invenção do primeiro videojogo da História, Tennis for Two, em 1958.

No início dos anos 1970, surgiu nos Estados Unidos a primeira consola para uso doméstico, a Odyssey (com pingue-pongue, voleibol, andebol e vários jogos de pontaria, num total de oito), a par do Computer Space, a primeira máquina para cafés e locais públicos, que simulava uma feroz batalha com naves espaciais. No final da década, os novos jogos já faziam furor; sobretudo no segmento doméstico, onde lideravam às listas de prendas de anos e de Natal, e também em bares e locais de diversão, onde não tardaram a enviar para a reforma as máquinas de flippers. Outra tecnologia começava a passar do âmbito de um pequeno círculo de entusiastas para o grande público. Enquanto as principais companhias de informática fabricavam enormes computadores destinados a instituições e empresas, alguns jovens tinham começado a desenvolver pequenas máquinas programáveis e a colocá-las à venda com assinalável êxito comercial.

### • O computador tornou-se um electrodoméstico

O pioneiro foi Ed Roberts, que criou, no início da década de 1970, o Altair 8800; quando os 800 aparelhos que pensara vender por ano se transformaram em 250 por dia, tomou-se evidente que um novo mercado estava a nascer. O fenómeno foi entendido por outro jovem empreendedor, Steve Jobs, que lançou, em 1976, o Apple 1. Estas máquinas foram, sem dúvida, as precursoras, mas seria o gigante IBM (embora tivesse permanecido durante algum tempo à margem da revolução informática) que desenvolveu o conceito de computador pessoal e iniciou uma vasta campanha para explicar a consumidores de todo o planeta por que motivo deviam adquirir um aparelho.

Vale a pena recordar algumas das suas características: ecrã monocromático, microprocessador Intel8088 a 4,77 MHz, 16 KB de memória interna, mais 360 de memória externa (disquetes); nada de disco rígido. O sistema operativo (DOS, "disk operating system") tinha sido encomendado a uma empresa chamada Microsoft, de dois rapazolas promissores: Paul Allen e Bill Gates.

### • O futuro residia nos telefones portáteis

No entanto, a invasão dos computadores ainda teria de esperar: por enquanto, as pessoas continuavam a utilizar como ferramentas de trabalho a esferográfica ou a máquina de escrever e, claro, o papel como principal suporte. Era utilizado para escrever cartas particulares (a média era de duas por pessoa e por mês), as quais eram deitadas no correio e demoravam dias, ou mesmo semanas, a chegar ao destino. Comunicar com outras partes do mundo era complicado e dispendioso; os telefonemas para o estrangeiro tinham um preço proibitivo, embora já se pudesse contar com o fax para enviar documentos para qualquer ponto do Porém, o campo das telecomunicações estava à beira de uma revolução: estariam para breve telefones que se poderiam levar para toda a parte; o utilizador deixava de estar dependente do terminal fixo para fazer ou receber chamadas. Claro que também se calculava que esses aparelhos iriam custar uma fortuna, pelo que se julgava que seriam um exclusivo de políticos, milionários, quadros superiores...»